

**DA VIDA DA RUA À VIDA DE BAIRRO
NA CONSTRUÇÃO DE IMAGENS
DA URBE CONTEMPORÂNEA**

Marluci Menezes

Comunicação apresentada na "*VII Reunião de Antropologia do MERCOSUL*",
realizada em Porto Alegre (Brasil), Julho, 2007

LABORATÓRIO NACIONAL DE ENGENHARIA CIVIL

DA VIDA DA RUA À VIDA DE BAIRRO NA CONSTRUÇÃO DE IMAGENS DA URBE CONTEMPORÂNEA

LISBOA • 2008

Marluci Menezes

Investigadora Auxiliar, LNEC

Comunicação apresentada na *"VII Reunião de Antropologia do MERCOSUL"*,
realizada em Porto Alegre (Brasil), Julho, 2007

MENEZES, Marluci

Geógrafa, Doutora em Antropologia Social e Cultural
Departamento de Edifícios

Copyright © LABORATÓRIO NACIONAL DE ENGENHARIA CIVIL, I.P.
Divisão de Divulgação Científica e Técnica
AV DO BRASIL 101 • 1700-066 LISBOA
e-e: livraria@lnec.pt
www.lnec.pt

Editor: LNEC

Colecção: Comunicações

Série: COM 135

1.ª edição: 2008

Tiragem: 100 exemplares

Descritores: Bairro / Espaço exterior / Sociologia urbana / Comportamento social / Lisboa

Descriptors: Quarter / Outer area / Urban sociology / Social behaviour/ Lisbon

CDU 316.334.56(469)

ISBN 978-972-49-2147-1

DA VIDA DA RUA À VIDA DE BAIRRO NA CONSTRUÇÃO DE IMAGENS DA URBE CONTEMPORÂNEA

RESUMO

A menção feita à intensidade da *vida de rua* é utilizada com alguma frequência para retratar o ambiente social dos bairros usualmente considerados como populares e típicos de Lisboa. Tendo em vista compreender melhor como tal vivência se repercute no processo de construção de imagens identitárias dos bairros, e como tais imagens se reflectem no campo de significações imaginárias da cidade, a partir de pesquisa etnográfica efectuada no bairro da Mouraria em Lisboa, apresentam-se e discutem-se alguns aspectos que se julga importantes para o aprofundar do conhecimento da relação entre os processos de construção de imagens da cidade e as práticas que se desenvolvem nos espaços colectivos e públicos. Referida como bairro multicultural, multiétnico e transnacional, paralelamente a Mouraria é um dos bairros representativos de uma Lisboa típica e popular, patrimonial e histórica, também denotando variantes que evocam marginalidade e liminaridade. Com o intuito de reflectir sobre a complexidade sociocultural que transforma os processos de produção e construção da realidade em metáforas da identidade do bairro, discute-se a importância da análise da rotina quotidiana de uso/apropriação do espaço, e demonstra-se como o conhecimento de tais práticas permite evocar a coexistência – através de dilemas e conflitos simbólicos – de um indefinível número de atmosferas que estimulam a criação de metáforas urbanas que, projectadas como imagens, fazem parte do conhecimento que se tem do bairro, como de uma determinada faceta da cidade. Enfatiza-se a proximidade para com os contextos de estudo, e discute-se como os espaços da rua e bairro são referências significativas de análise, compreensão e interpretação dos fenómenos urbanos contemporâneos. Defende-se a importância em conhecer a influência das práticas de uso e apropriação de tais espaços nos processos de definição de imagens socio-espaciais distintas no seio da cidade, isto é, da influência que têm na reprodução de determinados símbolos urbanos identitários, valores e representações, como de projectos de renovação incrementados em torno da ideia de cidade plural.

THE IMPORTANCE OF QUARTER AND STREET LIFE IN THE IMAGE CREATION OF THE CONTEMPORARY CITY

ABSTRACT

The reference to the intensity of street life is currently made when describing the social environment of the quarters of Lisbon, usually considered as popular and typical. In order to understand better how this experience reflects itself in the process of construction of images of identity of each quarter, and how such images reflect in the area of imaginary significances of the city, based on an ethnographic research focused on the quarter of Mouraria in Lisbon, we present and discuss several aspects considered important to increase the knowledge of the relation between the processes of image construction of the city and the social and public experiences that take place there. Mentioned as a multicultural, multiethnic and transnational quarter, Mouraria is representative of typical and popular Lisbon, patrimonial and historical but also showing aspects that evoke marginality. Aiming a reflection about the sociocultural complexity that transforms the process of production and construction of reality into the quarter is identity metaphors, we analyse the importance of the daily routines of use and appropriation of space and demonstrate how the knowledge of such practices allows to evoke the coexistence - through symbolic conflicts - of an undefined number of environments that stimulates the creation of urban metaphors which, projected as images, became part of knowledge of the quarter. The proximity with the study contexts is emphasized, and pointed how the street and quarter spaces are significant references for the analysis, understanding and interpretation of the contemporary urban phenomenon. Pointing the importance of knowing the influence of the practices of use and appropriation of such spaces for the processes of definition of distinct social and spatial images inside the city and the influence they have in the reproduction of certain urban symbols of identity, values and representations, as well as project developed renovation based on the idea of plural city.

ÍNDICE

1	INTRODUÇÃO	1
2	BREVES NOTAS SOBRE O BAIRRO DA MOURARIA	4
3	PRECAUÇÕES DE ANÁLISE E REFLEXÃO	8
4	DA VISIBILIDADE DAS PRÁTICAS EM ESPAÇO COLECTIVO AO BAIRRO E À CIDADE	11
5	BIBLIOGRAFIA	16

DA VIDA DA RUA À VIDA DE BAIRRO NA CONSTRUÇÃO DE IMAGENS DA URBE CONTEMPORÂNEA

1 INTRODUÇÃO

A referência à intensidade da vida de rua tem sido, com alguma frequência, utilizada para retratar o ambiente social dos bairros populares da cidade (também conhecidos como típicos e/ou tradicionais, e mais recentemente históricos). A expressividade dessa imagem é tão recorrente que uma descrição de finais da década de 20 do século XX, circunstancialmente, pode ser tomada como um retrato nosso contemporâneo:

“Os bairros antigos onde o gentio pobre habita, população mais rica de côr e mais bizarra de costumes do que nenhuma outra, marcam na cidade uma nota de grande pitoresco. A criançada – porque a gente miserável é prolífica – vomitada para a rua pela estreiteza das casas, falhas de luz e de conforto, invade as serventias e acogula-se nas portas com as mães fazendo terreiro de passeio a passeio. A rua é a sua varanda, o seu quintal e o seu terraço. Junte-se a isto o formigar dos vendilhões, o tráfego dos bairristas, a ingressia do mulherio, e ter-se-há a nota global do efeito da comparsaria e dos actores na comédia movimentada dos arruamentos velhos” (Sequeira, 1929, 19).

Por seu lado, Antónia Lima ao reportar-se ao bairro da Madragoa refere que:

“(…) as ruas raramente estão vazias: são palco de brincadeira das crianças; local de passagem das mulheres nas suas lides e trabalhos diários, que

param, quase de metro a metro, para conversar com vizinhos; local onde idosos e reformados ficam à conversa, à porta de casa, durante horas; local que serve de distração àqueles que não saem de casa e que da janela mantém contacto com a vida do bairro, observando simplesmente ou conversando com quem passa ou com quem está nalguma janela em frente” (Lima, 1992: 42).

Como refere Firmino da Costa (1999: 81, 324), no bairro de Alfama, certos espaços públicos e semi-públicos assumem grande importância na mediação dos processos de “construção e na sedimentação da relação identitária com o bairro. Por seu lado, Antónia Lima (1992: 42) considera que no bairro da Madragoa a rua é fundamental “na reafirmação e reprodução constante da comunidade”; enquanto no bairro da Bica, Graça Cordeiro (1997: 320) nota que “a rua como contexto de interacção quotidiana, de práticas de sociabilidade entre pares, de memórias familiares partilhadas, revelou ser um lugar de eleição para a reformulação do “nós” (...)”, mesmo tendo em consideração a “heterogeneidade das chamadas classes populares.”

Na rua (e outros espaços colectivos) destes bairros, as esferas pública e privada do espaço misturam-se e articulam-se, criando espaços semi-públicos, isto é, “pedaços” do espaço onde o convívio próximo, as solidariedades e os laços pessoais e de vizinhança são favorecidos (Magnani, 1998). Tais situações reflectem ainda o que se pode considerar como a passagem do quotidiano da casa à rua que é construída como se fosse a sala (ou quintal) dos moradores (Santos e Vogel, 1985).

A rua é um espaço significativo no quotidiano dos moradores destes bairros, sendo que a reiteração quotidiana das dinâmicas de uso e apropriação desse espaço – em conjunto com outros aspectos socioculturais e espaciais – reflecte-se, através de um efeito de “redobramento simbólico” conduzido do exterior (Costa, 1999), nas imagens que são produzidas sobre os bairros.

Todavia, a par do domínio semi-público da rua, ela continua a ser um espaço público urbano no sentido genérico do termo e, nesse sentido, estabelece um sistema de ligação com outros espaços do mesmo tipo no próprio bairro, bem como com as áreas que o circundam. De modo que a rua também é um espaço de mediação entre

o bairro e outros espaços públicos da cidade, sendo a sua dimensão semi-pública interceptada por uma esfera eminentemente pública e/ou coexistente com uma multiplicidade de apropriações e territorializações que complexificam a ideia de que somente é a sala ou o quintal dos seus moradores.

E, para complexificar um pouco mais, paralelamente às lógicas socio-espaciais que se verificam nas formas e nos modos como os espaços públicos dos bairros são experimentados no quotidiano, dá-se um processo de simbolização e de ritualização que ciclicamente inova e/ou reinventa a imagem dos bairros como se da *nossa casa* tratasse. O espaço público, a partir da intermediação de diversos agentes sociais, é fundamental no processo de construção dessa imagem. Alguns desses processos simbólicos e rituais vinculam com particular expressividade e de maneira quase sagrada a rua à casa, a casa ao bairro e esse à cidade, permitindo reforçar a imagem emblemática e a ideia de que tais bairros são *típicos e tradicionais*, de certo modo, invertendo e/ou renovando algumas das imagens que são construídas no quotidiano.

Assim, com vista a conhecer melhor a relação entre a construção de imagens da cidade e as práticas que se desenvolvem nos espaços colectivos e públicos, a partir de pesquisa etnográfica efectuada no bairro da Mouraria, em Lisboa, discute-se:

- A importância da análise da rotina quotidiana de uso/apropriação do espaço;
- Como o conhecimento de tais práticas permite evocar a coexistência – através de dilemas e conflitos simbólicos – de um indefinível número de atmosferas que estimulam a criação de metáforas urbanas que, projectadas como imagens, fazem parte do conhecimento que se tem do bairro, como de uma determinada faceta da cidade;
- A importância da proximidade para com os contextos de estudo;
- Como os espaços da rua e bairro são referências significativas de análise, compreensão e interpretação dos fenómenos urbanos contemporâneos.

Por fim, defende-se a importância em conhecer a influência das práticas de uso e apropriação dos espaços colectivos e públicos nos processos de definição de imagens socio-espaciais distintas no seio da cidade. Isto é, da influência que têm na reprodução de determinados símbolos urbanos identitários, valores e representações, como de projectos de renovação incrementados em torno da ideia de cidade plural.

2 BREVES NOTAS SOBRE O BAIRRO DA MOURARIA

Afastada do Rio Tejo e localizada na encosta traseira da colina que dá lugar ao Castelo de São Jorge, na sua origem, Mouraria foi a designação atribuída ao arrabalde destinado aos mouros após a reconquista cristã da cidade (em 1147). O arrabalde (gueto) foi durante muito tempo muralhado e separado do resto da cidade, sendo a sua entrada condicionada por horários de abertura e fecho. No entanto, mediante a intensificação da actividade económica, segmentos cristãos da população passaram a instalar-se na envolvência do arrabalde. Tal viabilizou um convívio profissional e de vizinhança que muito específica deste território lisboeta (Barros, 1998). Provavelmente, nos dias de hoje, tal convívio poderia ser considerado como sendo multiétnico. Refira-se que esse convívio estimulou a expansão do bairro - que, entretanto, deixou de ter portas de entrada - pelo território vizinho.

Pobreza e precariedade habitacional foram (e são) características que atravessaram a história do bairro. Nomeadamente, a partir do século XVIII e até meados do século XX, assistiu-se a um vertiginoso aumento populacional da cidade em decorrência de intensos fluxos migratórios, pelo que bairros como Alfama e Mouraria atingiram as suas capacidades de ocupação e, em decorrência da sua precariedade socio-económica e funcional passaram, juntamente com outros bairros, a ser conhecidos como os *bairros pobres* da cidade (Cordeiro, 1997).

Um dos fenómenos que despontou da dinâmica de recomposição e reconfiguração urbana, traduzida nos elevados índices de concentração populacional nos bairros

antigos de Lisboa e nas mudanças demográficas, sociais e culturais provocadas pelas vagas migratórias de finais do século XIX, foi a invenção daquilo que posteriormente passou a ser chamado *tradições populares* (Cordeiro, 1997). E, algures no século XIX, também a Mouraria foi socialmente construída como um bairro que detinha algumas tradições, encontrando-se esta *fundação* no meio de uma complexa rede de elementos culturais, sociais, históricos, urbanos e rurais, sonhos, mitos e representações, sendo um dos principais mitos o da Severa – uma bela e formosa prostituta que ficou conhecida como uma grande cantora de fado. O mito da Severa detém, inclusivamente, uma função simbólica bastante próxima de um mito de origem, contribuindo para fundamentar a ideia de uma Mouraria típica e tradicional.

No entanto, a par de um processo de emblematização, o bairro continuou a ser atravessado por um processo de estigmatização e segregação socio-espacial, já que, a par da pobreza e miséria que ali prevaleciam, a Mouraria também ficaria conhecida como um contexto propício à prostituição, à vadiagem, ao alcoolismo.

Praticamente inalterada até à segunda metade do século XIX, urbanisticamente a Mouraria sofreria graves alterações no decorrer do século XX, nomeadamente preconizada através de um ideal de modernização, embelezamento e higienização da cidade, que, no decurso do Estado Novo (décadas de 30-60), levou à destruição da parte baixa do bairro – antes composta por um entrelaçar de ruas, prédios antigos, igrejas. Ao espaço vago ali deixado foi dado o nome de Largo do Martim Moniz¹. Entre as décadas de 70 e 80 do século XX, o bairro e áreas adjacentes ainda seriam focos de interesse de políticas de modernização da cidade. Contudo, em plenos anos 80 do mesmo século, praticamente não se tinha edificado nos espaços deixados vagos pela destruição. Nesta década destacam-se a construção de um edifício para serviços e, mais tarde, a de dois centros comerciais: o Centro Comercial da Mouraria e o Centro Comercial do Martim Moniz.

No entanto, face à degradação do parque edificado local, em muitos casos em risco de ruína iminente ou consumada – situação ainda mais agravada pela precariedade

socio-económica local e pela dificuldade de implantação de actividades que permitissem a dinamização económica e cultural da área – o bairro é, desde 1985, social e urbanisticamente, endógena e exogenamente, constituído como “objecto de reabilitação urbana” (Costa e Ribeiro, 1989; Costa, 1999). O processo de reabilitação urbana contribuirá para a reconstrução social da realidade simbólica e da imagem urbana do bairro que, assim, passa a ser considerado como património urbano de Lisboa.

Salienta-se ainda que, desde a década de 70 do século XX, se verifica nesta área da cidade a instalação de um comércio de revenda maioritariamente controlado por minorias étnicas. Tal fenómeno contribuiu para a configuração de uma outra imagem da Mouraria que, assim, passou a ser também referida como contexto multiétnico e multicultural, como lugar de pessoas, práticas, músicas, artefactos, roupas e comidas diferentes, que primam por uma certa diferença social e cultural. Locais como a Praça do Martim Moniz (construída em 1997) e o Centro Comercial da Mouraria são um dos principais palcos de visibilidade de tais dinâmicas. Nesta nova imagem ressoam algumas conotações associadas ao bairro enquanto espaço liminar, neste âmbito, como lugar de encontro de diferentes expressões culturais. A assumpção da Mouraria como uma espécie de símbolo do convívio multiétnico e/ou multicultural na cidade convive com um outro universo de práticas e representações associadas a uma ideia do bairro como contexto de tradições populares. Neste âmbito, importa no entanto não esquecer que, historicamente, os atributos de tipicidade popular associados à Mouraria se encontram também vertidos numa imagem do bairro como espaço de pobreza e de transgressão, onde se desenvolvem actividades como a prostituição, o tráfico e o consumo de droga, e onde é possível encontrar indivíduos em condição de sem abrigo.

A actualidade da Mouraria reflecte-se na vivência de rua, nos edifícios históricos e degradados, na procissão, nos arraiais dos Santos Populares e na marcha popular, como também se relaciona com um conjunto de territórios e dinâmicas que, para além de conjugarem os elementos mais características da sua população e mesmo

¹ Nome de um lendário soldado cristão que teria ficado atravessado nas portas do Castelo (até então ocupado pelos mouros) como forma de facilitar a entrada dos cristãos, assim contribuindo para a Reconquista Cristã da cidade.

do seu espaço físico, lida com novos e outros estilos de vida que não se explicam somente pelo fenómeno de gentrificação, nem pela heterogeneidade das classes populares, mas também por fenómenos de cariz étnico. Um mundo em que o fado, os moradores, os (i)migrantes, os visitantes, os desempregados e os reformados coexistem com as lojas e mercearias chinesas, os cabeleireiros luso-africanos, os bazares indianos, a Associação Comercial China Town, a gang dos telemóveis, os toxicodependentes, os sem-abrigo. Tantas similaridades, tantos contrastes com os outros bairros populares, típicos ou tradicionais da cidade ...

Pati Kati, Bombay Looks, Xin Ge, Palop, Morabeza, Tabanka são algumas das designações dos estabelecimentos existentes nos centros comerciais locais (Centro Comercial da Mouraria e Centro Comercial do Martim Moniz). Nomes esquisitos, odores estranhos, sons africanos e chineses, cânticos hindus, sabores de além-mar, línguas e dialectos desconhecidos compõem o ambiente urbano em conjunto com o fado, o cheiro a sardinha e a bifanas assadas, o falar lisboeta (alfacinha para uns).

O lado público e visível da Mouraria parece reflectir-se numa espécie de jogo de espelhos que reproduz imagens que transitam entre as ideias de típico, tradicional, popular, multicultural, multiétnico, mas também como um novo Casal Ventoso², Bronx e até Texas (Menezes, 2004). Na Mouraria, o espaço público, nomeadamente as ruas, desenvolve-se como um contexto de interacção dos moradores, sendo tais espaços contextos de mediação para a construção e reformulação das relações identitárias com o bairro, como da relação com o outro. Mas também é um espaço onde se pode verificar a coexistência de uma multiplicidade de pedaços que, por sua vez, são ligados por trajectos e atravessados por circuitos (Magnani: 2000, 2000^a; Menezes, 2004). Neste sentido, os espaços colectivos e públicos do bairro são também contextos de mediação com a cidade. E, para complexificar ainda mais, a Mouraria também parece definir-se por aquilo que Magnani chamou de “mancha”, o que permite inferir que no espaço físico do bairro coexistem distintas ‘Mourarias’.

² Bairro de Lisboa que esteve associado ao fenómeno do consumo e tráfico de drogas, tendo inclusivamente sido conhecido como o *shopping center* da droga da cidade.

3 PRECAUÇÕES DE ANÁLISE E REFLEXÃO

Pelo ângulo das reflexões múltiplas, interessou-nos captar como é que a experiência fenomenológica do lugar participa do processo de consolidação e reconfiguração das imagens culturais e urbanas do bairro. Com este intuito, foi privilegiada a análise das práticas de uso e apropriação do espaço público da Mouraria. Tal permitiu fundamentar a perspectiva de que a visibilidade dos indivíduos e das suas práticas de uso e apropriação do espaço, aliada à organização física e arquitectónica do território, é um dos principais elementos constituintes das imagens culturais e urbanas do bairro.

Neste empreendimento analítico, verificou-se que a rotina quotidiana de uso e apropriação do espaço público cria um indefinível número de atmosferas que estimulam a criação de metáforas urbanas que, projectadas como imagens, fazem parte do conhecimento que se tem do bairro como de uma determinada faceta da cidade.

No entanto, esta análise poderia ser dificultada mediante a complexidade das dinâmicas locais e do processo de construção de imagens, na medida em que esse processo é simultaneamente atravessado por lógicas que pressupõem contradições, justaposições, articulações e complementaridades. Também a heterogeneidade do espaço público do bairro poderia vir a comprometer a construção de um quadro analítico que viabilizasse a detecção e compreensão das dinâmicas de uso e apropriação do espaço. Pois, a heterogeneidade do espaço público local tanto é o reflexo da sua variedade física e arquitectónica – ruas pedonais, ruas de tráfego, ruas de trânsito condicionado, passeios, escadarias, pátios, vilas, becos, travessas, largos, praça, centros comerciais, estação de metro –, como da diversidade dos seus utentes e do desenvolvimento de diferentes práticas e actividades, como ainda da sobreposição de uma multiplicidade de usos, tempos e significados, tornando-o um espaço multidimensional. Na operacionalização dos intuítos de análise teve-se, então, algumas precauções.

Relativizar a concepção de que o espaço público urbano é de acesso ilimitado e aberto aos indivíduos foi uma importante precaução. Isto é, muito embora a não limitação dos acessos aos espaços públicos seja por excelência a sua primeira condição, é pertinente ter em conta que esse espaço pode ser privatizado por determinadas práticas ou o seu acesso ser condicionado por regras de conduta que, para além das imposições colocadas por quem oficialmente controla o espaço, também existem no interior da sua própria dinâmica (Menezes, 2004, Billiard, 1986; Cooper, 1998; Low, 2000). Ou seja, é um espaço cujo controlo social e político é assegurado por códigos e signos informais, bem como por regras e regulamentações formais que tanto podem proporcionar a exclusão como a inclusão (Madanipour, 1998; Sibley, 1997).

Um segundo aspecto decorrente da análise efectuada foi ter constatado a importância de relativizar algumas das perspectivas que tomam o espaço público como um espaço que tende a homogeneizar-se em decorrência das regulações económicas. No seguimento deste raciocínio, foi importante também relativizar os pontos de vista que se referem a esses espaços como suportes de culturas híbridas, efémeras e passageiras; como ainda as perspectivas que anunciam a sua morte e retraimento a partir de um reforço da vida privada³.

No princípio do trabalho de campo, foi consequente a sensação de imersão numa realidade quotidiana de tal modo complexa e heterogénea, que transformava as tentativas de identificação de lógicas mais regulares num propósito de difícil realização. Explicar o que se passava no bairro a partir de noções como não-lugar, efémero, híbrido e desterritorialização, parecia fazer todo o sentido. Mas, aos poucos, a sensação era de se estar numa espécie de beco sem saída, como se o trabalho desenvolvido apenas fosse constatar que a realidade da Mouraria era, de facto, complexa e multidimensional. Quase sem fôlego e um tanto desorientada, era consequente questões do tipo: como e o que descrever? Como captar a heterogeneidade, o movimento e a multidimensionalidade sem desconsiderar a regularidade e a repetição?

³ A este respeito destacam-se os trabalhos de: Davis, 1993; Sennet, 1993; Zukin, 1996, 2000, 2000^a; Arantes, 2000; Machado Pais, 1995; Fortuna et. al, 1999.

A insistência, a assiduidade e a proximidade com o cotidiano do bairro permitiram-me, então, recuperar o fôlego e a calma e, assim, reposicionar o olhar de forma a encontrar algumas rotinas e certas cadências. Melhor dizendo, encontrar ritmos cotidianos cujos extremos poderiam ser explicados pela ideia de moderado e ligeiro, havendo por conseguinte pontos intermédios e pausas que, por sua vez, se reflectiam nos momentos em que o movimento deixava de existir (com o esvaziamento do bairro, sobretudo relacionado com o fecho do comércio) ou o movimento de certos elementos coexistia com a paragem de outros. E, assim, foi possível detectar que o espaço continuava a ser uma referência significativa, onde determinados ritmos cotidianos de uso e apropriação desenhavam cenários comportamentais, percursos, pontos, paisagens e/ou microgeografias (Barker, 1973; Wicker, 1979; Rapoport, 1980; Low, 2000, 2000^a), dando a sensação de que essas configurações socio-espaciais poderiam ser captadas através da ideia de “formas ritualizadas” (Noschis, 1984). Desse modo, encontraram-se sentidos e significados naquilo que diariamente se via, ouvia e sentia, como foi possível redescobrir a importância da análise antropológica ao nível do conhecimento sobre o espaço urbano.

Na análise empreendida foi, entretanto, fundamental ultrapassar a tentação de explicitar as contradições entre os indivíduos e as suas práticas a partir de considerações do tipo: a faceta tradicional e típica do bairro se repercutiria na domesticação do espaço público como sala ou quintal dos moradores; a faceta moderna se reflectiria na substituição da dimensão doméstica e semi-pública do espaço por uma de âmbito mais público e globalizada.

Refira-se que interessou muito mais discutir os processos que permitem a coexistência de diferentes modos e formas de usar, apropriar e representar o espaço – tendo em conta que estes podem ser paralelos ou estar em conflito –, como forma de compreender a complexidade inerente ao sistema de classificações e manipulações dos significados atribuídos ao bairro. Tratou-se, assim, de analisar como é que no processo de construção e produção social do espaço, se verifica a coexistência de imagens que tanto podem contribuir para a emblematização do bairro como para a sua segregação e estigmatização.

A análise desenvolvida pode, então, ser descrita como uma tentativa de leitura do espaço público a partir da ideia de que as práticas sociais – através de um conjunto de operações que coloca em relação o masculino e o feminino, a casa e a rua, o privado e o público, o local e o global, jovem e velho, nós e os outros, sagrado e profano, tempo e espaço, tempo quotidiano e situações extraordinárias, lazer e trabalho, bairro e cidade – viabilizam a configuração e a reconfiguração dos significados do espaço, desse modo participando do campo de significações imaginárias do bairro.

4 DA VISIBILIDADE DAS PRÁTICAS EM ESPAÇO COLECTIVO AO BAIRRO E À CIDADE

Embora determinadas perspectivas que reflectem sobre as dinâmicas sociais que têm lugar nos espaços públicos urbanos - nomeadamente aquelas que inferem a tendência para a sua homogeneização, hibridização e efemeridade, bem como a sua morte a partir do reforço da vida privada - sejam recorrentes ao nível da análise e interpretação de determinados fenómenos e dinâmicas urbanas, julga-se necessário proceder à sua relativização como forma de conhecer melhor a importância da relação casa, rua, bairro e cidade na urbe contemporânea. Como salientou Setha M. Low (2000), apesar das interpretações estéticas e macro-políticas – diria ainda macro-económicas – serem utilizadas com alguma frequência na compreensão do significado do espaço público e das dinâmicas sociais e urbanas, elas são insuficientes por excluir os utentes do espaço, o passado e a etno-história, as memórias e as conversas que, no quotidiano, geram os mitos e os próprios significados da vida no espaço público. Isto é, as perspectivas de âmbito macroscópico não permitem compreender qual é a importância do espaço público urbano para o quotidiano dos seus utentes.

Na verdade, a “policromia exuberante” e “agitadora” (Sequeira, 1929) do espaço público da Mouraria é uma das facetas mais visíveis do seu quotidiano, estimulando a criação de metáforas urbanas que contribuem para a invenção de determinadas

imagens do bairro que podem evocá-lo como contexto característico, tradicional, típico, popular ou como sendo uma aldeia⁴, ou ainda como histórico⁵. Mas também podem denotar o espaço como sendo multiétnico ou multicultural, que está descaracterizado ou que é um espaço repleto de liminaridades, desse modo reforçando os processos de estigmatização e segregação territorial.

Dir-se-ia que os distintos pedaços, trajectos e circuitos que configuram a paisagem social e urbana local permitem inferir que a Mouraria é uma mancha inscrita no mapa social da cidade onde, paralelamente e/ou conflituosamente, coexistem distintas Mourarias.

No processo de consolidação e reconfiguração das imagens identitárias, verifica-se que, a par da continuidade de determinados traços que são utilizados para caracterizar a Mouraria, outros vão sendo indexados ao campo das significações imaginárias do bairro. Nesse sentido, em finais do século XIX e na primeira metade do século XX, a Mouraria é evocada pelos seus tipos sujos, brigões, boémios, fadistas e prostitutas, mas também pelo seu pitoresco urbanístico e pela sua peculiaridade sociocultural. Entre os anos 30-60, a defesa do pitoresco é contraditoriamente associada à defesa de uma imagem urbana de higiene e civilização, e, se bem que os outros bairros populares da cidade tenham sentido a ameaça da destruição, ela de facto foi impiedosa com as tão mal afamadas ruas, edifícios e gente da Mouraria. Um símbolo do “vício” que em plena década de 70 era

⁴ Como observou Graça Índias Cordeiro (1994: 76), “a criação explícita dos “bairros” e a tipificação de alguns deles, permitindo pensar uma grande cidade como um conjunto de pequenas aldeias, constitui uma imagem de tal forma eficaz do ponto de vista simbólico que ainda hoje é frequentemente reproduzida.”

⁵ Alain Bourdin (1984: 30, 31), ao reflectir sobre a ligação entre as palavras e as imagens utilizadas no âmbito da intervenção e da reflexão sobre o património urbano, considerou que aos conjuntos históricos e antigos que são os “velhos bairros”, se encontram associados três adjectivos que conotam de forma diferenciada esses locais, onde: “velho” remete para a ideia de degradação, inadaptação e insalubridade, mas também evoca a ideia de um passado a respeitar; “histórico” possui um maior valor semântico, sendo o bairro visto como um quadro de vida harmoniosa e referência do passado, como um símbolo da própria história; “antigo” é um adjectivo mais neutro, contudo, é mais positivo que a ideia de “velho”, subentendendo a existência de um possível valor histórico. De acordo com o autor, esses três adjectivos encontram-se associados às duas dimensões da historicidade: os símbolos sociais e a história pessoal.

noticiado a partir dos restos de uma destruição atroz, por onde insistentemente ainda se realizava a procissão e as festas populares.

As décadas de 70 e 80, ainda marcadas pelo ideal da renovação urbana, deram lugar ao Centro Comercial da Mouraria, um edifício urbanisticamente controverso que, juntamente com o Hotel Mundial, se transformou numa espécie de pólos opostos do chamado convívio multiétnico: num deles a multiétnicidade é símbolo de uma cultura historicamente localizada, no outro a multiétnicidade é transfigurada em turismo, local de instalação para turistas. Em meados dos anos 80, entretanto, o bairro é foco de uma outra política urbana que, em vez de o renovar, visa a recuperação e reabilitação do seu património histórico e urbano. E aqui, observe-se que o processo de reapropriação do património urbano e as dinâmicas de intervenção urbanística parecem inscrever-se no espaço público, reinventando cenários e imagens do que é tradicional e típico, ou, como referiu Bourdin (1984), criando novas maneiras de pensar e representar o espaço. No ímpeto das revitalizações, uma nova imagem vai sendo construída e inventada como tradição multiétnica.

Fins do século XX, princípios do século XXI, os espaços públicos do bairro são, cada vez mais, ponto de encontro de diferentes etnias e essa visibilidade não passa despercebida aos olhos de um qualquer transeunte ou dos fazedores de imagens da cidade, entre eles alguns antropólogos.

Porém, a procissão ainda atravessa as ruas do bairro e da cidade; os arraiais populares englobam a casa, a rua, o bairro e a cidade num só espaço; a marcha continua a representar determinados símbolos emblemáticos do bairro e a percorrer as passarelas da cidade; as relações de vizinhança são intensas; a prostituição continua; os delitos aumentaram; os sem-abrigo subsistem; a toxicodependência e o tráfico de droga são reais; a ilegalidade e a marginalidade existem; as casas caem e incendiam-se; e tais características estimulam a invenção de metáforas urbanas que também são fazedoras de imagens – endógenas e exógenas – do bairro.

Os distintos elementos, metáforas e dinâmicas que contribuem para a construção de imagens identitárias do bairro tanto podem inventá-lo como um lugar representativo de uma Lisboa típica e popular, patrimonial e histórica, ao mesmo tempo que

denotam variantes que permitem relacioná-lo com a ideia de multiculturalidade, bem como marginalidade e conflitualidade. Tais imagens encontram-se intimamente associadas à visibilidade das práticas de uso e apropriação do espaço e à respectiva interpretação que os indivíduos fazem de tais práticas ao longo do tempo. Nesse sentido, procurando articular sincronia e diacronia, desenvolveu-se uma descrição densa das microgeografias quotidianas de uso e apropriação dos espaços públicos do bairro.

Na descrição e análise das microgeografias quotidianas de uso e apropriação dos espaços públicos do bairro foi fundamental captar os seus ritmos através da ideia de “formas ritualizadas” (Noschis, 1984), assim como através das noções de “pedaço”, “trajecto”, “circuito” e “mancha” (Magnani, 1998, 2000, 2000^a), admitindo, em concordância com Magnani, que tais noções servem como instrumentos de “leitura”, “compreensão” e “orientação” no espaço urbano, na medida que:

“(…) ao circunscrever pontos socialmente reconhecidos como relevantes na dinâmica urbana, servem de referência para as actividades que compõem o quotidiano – seja de trabalho, do lazer, da devoção, da militância, da prática cultural. Fazem parte do património da cidade, configuram aquele repertório de significantes que possibilitam guardar histórias e personagens que estariam esquecidas não fosse pela permanência, na paisagem urbana, de tais suportes” (Magnani, 2000^a: 45).

Considerando, assim, que as microgeografias quotidianas de uso e apropriação dos espaços públicos se inscrevem no mapa social da cidade construindo paisagens, é recorrente o facto de que tais práticas têm repercussão nas imagens que são construídas do bairro e, nesse sentido, fazem parte do conhecimento que se tem da Mouraria como da cidade. Pois, tais espaços servem como intermediadores para a criação e contestação das identidades sociais e das imagens socio-espaciais. E, de certo modo, o drama de uma imagem que transita entre a ideia de que o bairro é típico ou de que já não tem características, ou de que é um bairro histórico, multiétnico, multicultural ou de que é um contexto liminar, parece estar ligado à visibilidade das práticas de uso e apropriação dos espaços públicos e à interpretação que os indivíduos fazem de tais dinâmicas ao longo do tempo – quotidiano e fora do quotidiano –, assim como ao longo do tempo histórico.

Julga-se, assim, necessário admitir que não só as permanências criam especificidades, como o próprio movimento – ainda que veloz e efémero – se inscreve na paisagem urbana definindo particularidades que bem podem ser heterogêneas e multidimensionais. Nesta óptica, julga-se fundamental recorrer às rotinas quotidianas na análise dos espaços colectivos e públicos, como considerar importante compreender esse tipo de espaço urbano através das noções de heterogeneidade e multidimensionalidade.

O trabalho desenvolvido no bairro da Mouraria permitiu demonstrar que não é somente a vida de rua/bairro – e a respectiva transfiguração da rua em sala dos seus moradores – que permite detectar singularidades ou, num sentido mais vasto, detectar uma intensa utilização dos espaços públicos. Também algumas dinâmicas que decorrem no metropolitano, ruas comerciais, praça e centros comerciais locais permitem inferir que existem rotinas e particularidades, apropriações, inclusões e exclusões, paralelamente à multidimensionalidade das dinâmicas e à influência do poder político e económico.

As metáforas e as imagens que elas reflectem do bairro indiciam diversidade, heterogeneidade e complexidade, o que, como referiu Márcia Fantin (2000, 29), *“associadas à linguagem da arte, evocam sentidos, “cidade polifônica”*”, mas também evocam práticas. De modo que julga-se importante reter um ponto essencial: a repercussão social, cultural, simbólica e urbana das práticas que se desenvolvem no espaço público – regra geral: ruas, becos, largos, escadarias, praça e centros comerciais – e na criação de atmosferas que impulsionam a invenção de determinadas imagens da Mouraria e de certas metáforas urbanas que, numa perspectiva mais ampla, também fazem parte do conhecimento que se tem da cidade (Crouch, 1998). Nesse sentido, é importante observar que as intersecções entre o campo das significações imaginárias do bairro e a interligação com a sua história, morfologia física e as práticas socioculturais e espaciais dos distintos indivíduos que vivem e frequentam o bairro ressaltam a íntima articulação entre a experiência dos diferentes actores sociais, os símbolos, os valores sociais e as imagens (Richardson, 1980).

5 BIBLIOGRAFIA

ARANTES, Antonio A. Paisagens Paulistanas – Transformações do Espaço Público; Campinas Editora UNICAMP, 2000

BARKER, R.; SHOGGEN, P. Qualitatives of Community Life, London, Jossey – Bass Publishers 1973

BARROS, Maria F. Lopes de. A Comuna Muçulmana de Lisboa – sécs. XIV e XV; Biblioteca de Estudos Árabes, Lisboa, Hugin, 1998

BILLIARD, Isabelle. “L’espace public”; in Les Annales de la Recherche Urbaine, nº 32, 1986, pp. 87-94

COOPER, Davina. “Regard between strangers: diversity, equality and the reconstruction of public space”; in Critical Social Policy; Vol. 1814, London, 1998, pp. 465-492

CORDEIRO, Graça Índias. Um Lugar na Cidade – Quotidiano, Memória e Representação no Bairro da Bica; Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1997

COSTA, A. Firmino da. Sociedade de Bairro; Oeiras, Celta Editora, 1999

COSTA, A. Firmino da, RIBEIRO, Manuel João. “A construção social de um objecto de reabilitação”; in Sociedade e Território; n.ºs 10-11, 1989, pp. 85-95

CROUCH, David. “The street in the making of popular geographical knowledge”; in FYFE, Nicholas R. (ed.), Images of the Street – Planning, Identity and Control in Public Space; London and New York, Routledge, 1998, pp. 160-175

FANTIN, Márcia. Cidade Dividida – Dilemas e Disputas Simbólicas em Florianópolis; Florianópolis, Editora Cidade Futura, 2000

FORTUNA, Carlos; FERREIRA, Claudino; ABREU, Paula. “Espaço público urbano e cultura em Portugal”; in Revista Crítica de Ciências Sociais; n.º 52-53; 1999, pp.85-117

LIMA, Antónia P. A Família e a Unidade Doméstica na Madragoa – Valores e Práticas de 1930 a 1990; Lisboa, ISCTE, 1992 (tese de mestrado)

LOW, Setha M. On the Plaza – The Politics of Public Space and Culture; Austin, University of Texas Press, 2000

LOW, Setha M. “Cultura in the modern city: the microgeographies of gender, class, and generation in the Costa Rican plaza”; in Horizontes Antropológicos; n.º 13, Ano 6, Porto Alegre, 2000^a, pp. 31-64

MACHADO PAIS, J. “O espaço público da cidade”; in Revista Olhares; ano II, Novembro; Lisboa, CML, 1995, pp.45-52

MADANIPOUR, Ali. “Social exclusion and space”; in MADANIPOUR, Ali, Cars; Goran; ALLEN, Judith; Social Exclusion in European Cities – Processes, Experiences and Responses; London, Jessica Kingsley Publishers Ltd., 1998, pp.75-89

MAGNANI, José G. Cantor. Festa no Pedço: Cultura Popular e Lazer na Cidade; São Paulo, Editora HUCITEC, 1998

MAGNANI, José G. Cantor. “Rua, símbolo e suporte da experiência urbana”; in <http://www.aguaforte.com/antropologia/Rua.htm>, 2000

MAGNANI, José G. Cantor. “Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole”; in MAGNANI, José G. Cantor, TORRES, Lilian de Lucca (org.), Na Metrópole – Textos de Antropologia Urbana; São Paulo, EDUSP, 2000^a, pp. 12-53

MENEZES, Marluci. Mouraria: Retalhos de um Imaginário. Oeiras, Celta Editora, 2004

RICHARDSON, Miles. “Culture and the urban stage: the nexus of setting, behavior, and image in urban places”; in ALTMAN, I., RAPOPORT, A., WOLHWILL; Amos

Rapoport, Human Behavior and Environment; vol. 4, ed. I., New York, Plenum, 1980, pp. 290-242

SANTOS, Carlos Nelson; VOGEL, Arno (coords.). Quando a Rua Vira Casa; Rio de Janeiro, IBAM / FINEP, Projeto, 1985

SENNETT, Richard. A Decadência do Homem Público – As Tirantias da Intimidade; São Paulo, Companhia de Letras, 1993

SEQUEIRA, G. Matos. “Os bairros antigos e a comédia das ruas”; in Portugal – Lisboa; Exposição Portuguesa em Sevilha, Lisboa, CML, 1929

SIBLEY, David. Geographies of Exclusion; London, Routledge, 1997

ZUKIN, Sharon. “Space and symbols in an age of decline”; in KING, Anthony D. (ed.), Re-Presenting the City – Ethnicity, Capital and Culture in the 21st-Century Metropolis; London, Macmillan Press Ltd, 1996, pp. 43-59

ZUKIN, Sharon. “Paisagens urbanas pós-modernas: mapeando cultura e poder”; in ARANTES, Antonio A (org.), O Espaço da Diferença; Campinas, Papyrus, 2000, pp.81-103

ZUKIN, Sharon. “Paisagens do século XXI: Notas sobre a mudança social e o espaço urbano; in ARANTES, Antonio A (org.), O Espaço da Diferença; Campinas, Papyrus, 2000^a pp. 104-115

ISBN 978-972-49-2147-1



9 789724 921471